

Editorial	4
Família-Escola	
Cartas	5
Educação Infantil, cartaz, revista e poesia	
Ponto e Contraponto	6
Professor e educador Miguel Arroyo afirma que a indisciplina não é problema	
Atualidade	9
Sebomania	
Zoom	12
Lembranças positivas e negativas da escola	
Olho Mágico	14
Uma oficina de criação	
Capa	16
Família e escola: parceiros ou inimigos?	
Carioca	21
Guarda Municipal: de mãos dadas com a escola e a comunidade	
Pé na Estrada	22
Conselho Escola-Comunidade - a aliança de sucesso	
Caleidoscópio	24
Produtos da MULTIRIO na sala de aula	
Professor On-line	27
Escolha o diretor da sua escola	
Vida de Professor	28
O magistério em questão	
Tudoteca	30
Dicas de leitura, filmes, vídeos e agenda de eventos	



Desenhos de Felipe Igor Rosendiz e de Renê Barros Barbosa, alunos da Escola Municipal Pedro Ernesto, Zona Sul, Rio de Janeiro (R.J.)



Empresa Municipal de Múltiplos

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • Sonia Mograbi - Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis - Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Ana Lagôa - Supervisão editorial • Solange Jobim - Supervisão pedagógica • Élda Vaz - Assessora de comunicação e ouvidora • Guaira Miranda - Gerente de multimídia • Colaboradores: Alberto Jacob Filho (Fotografia), Cristina Campos (Conteúdo), Cristina Morel (Conteúdo), Erick Grigorovski (Ilustração), Joanna Miranda (Conteúdo), Lúcia Barreiros (Produção gráfica), Marcus Tavares (Reportagem), Martha Neiva Moreira (Edição), Nancy A. Soares (Revisão), Eduardo Ofeliano (Ilustração), Suely Barreto (Conteúdo), Tania Oliveira (Projeto gráfico e editoração) • Fotolitos e Impressão: Gráfica e Editora Posigraf • Tiragem: 40 mil exemplares

Há alguns anos, fui convidada para um seminário muito importante, em um hotel muito *chic*, com nomes muito conhecidos e patrocinado por uma empresa muito poderosa. Entretanto, fiquei muito decepcionada com a fala de um daqueles destacados convidados dizendo que "a família não deveria passar do portão da escola".

Comecei a pensar que desde a década de 1980, na cidade do Rio de Janeiro, já se organizavam os Conselhos Escola-Comunidade nas escolas municipais. Estes conselhos, que têm seus representantes eleitos em todos os segmentos da escola (professor, funcionário, aluno, responsável), além da Associação de Moradores local, foram criados com o objetivo de assessorar a direção da escola e, hoje, têm seu papel ampliado, possuindo CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) e participando da gestão dos recursos financeiros.

No que se refere aos responsáveis, constatamos que o envolvimento destes com a escola tem trazido muito bons resultados, tanto nas reivindicações do conjunto da comunidade escolar, objetivando a melhoria e expansão do espaço físico, como a transparência na utilização dos recursos e no fazer do dia-a-dia da escola, incluindo seu projeto político-pedagógico.

Nos finais de semana, com o Programa Família -Escola, proposto pelo Prefeito Cesar Maia e iniciado ano passado (2001), palestras sobre saúde, desenvolvimento de atividades culturais e esportivas, além de um *brunch*, têm aproximado a família da escola em mais de 300 unidades da rede, que aderiram em todas as CRE.

A educação, dever da família e do Estado, abrange os processos formativos e a articulação da escola com as famílias e a comunidade cria processos de integração social, preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, evitando a evasão e promovendo a permanência e o êxito dos nossos alunos, única forma de obter a verdadeira inclusão social e a cidadania.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Errata: No editorial Cuidar e educar da revista Nós da Escola nº 6, "... a Educação Infantil deverá ser oferecida nas creches a crianças com até 4 anos" e não a partir de 4 anos, como foi publicado.

Educação Infantil

Ao ler a revista Nós da Escola, nº 6, me senti valorizada como professora. O enfoque dado à Educação Infantil, na matéria de capa (páginas 16 a 20), reflete a expectativa que os professores têm em relação a expansão e qualificação da mesma que, finalmente, começa a ser resgatada. Desejo que os próximos números sejam tão bons quanto os que já nos foram enviados. Parabéns para toda a equipe e muito sucesso.

Maria de Fátima Senna Ferro Costa)

Escola Municipal Guatemala, Centro, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Agradecemos os elogios. A Nós da Escola é dirigida para os professores. Sua participação é muito importante.

Cartaz

Nós, professores da Escola Municipal São Paulo, parabenizamos a equipe que produz a revista, bem como os cartazes e o Giramundo. Aproveitamos o cartaz da revista nº 6 *Se essa rua fosse minha...* para trabalhar com os alunos o resgate das tradições de cada um deles e do folclore nacional. Gostamos também das histórias em quadrinhos, cujos temas são trabalhados durante as reuniões dos centros de estudos.

Equipe de professores)

Escola Municipal São Paulo, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A equipe da Nós da Escola fica feliz pela revista e pelo cartaz e o Giramundo estarem contribuindo com o trabalho dos professores.

Procura-se

Um pai para eu chamar de meu
Um pai que me proteja quando eu mais precisar
Um pai que me leve para passear, mesmo que seja até a esquina
Um pai que me chame, minha menina,
Que me ponha no colo e me faça cosquinha
Um pai para que eu não me sinta tão sozinha
Onde encontrar?
Já que o meu se perdeu dos seus
Mesmo assim onde você estiver,
Alguém deve te desejar feliz dia dos pais
E eu também.

Géssica Costa Luz)

Poesia escrita pela aluna por ocasião da semana de valorização da paternidade - Escola Municipal Equador, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)



Revista

Parabenizo a todos os responsáveis pela excelência na produção da revista Nós da Escola. Conteúdos densos estão sendo tratados com muita leveza, possibilitando a construção de conhecimentos, paralelamente com o *aprender a aprender*. Tenho, inclusive, aproveitado muitas matérias e os encartes para discussões nas turmas em que leciono na Faculdade de Educação.

Ana Maria Cezar @

Diretora do Departamento de Regularização Escolar da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

N. da R. - O objetivo da revista é auxiliar o trabalho dos professores, trazendo temas para discussões e reflexões. A equipe fica feliz por saber que o trabalho está dando certo.

Prêmio

Três das cinco escolas vencedoras da etapa estadual do Prêmio Qualidade na Educação Infantil 2002 - promovido pelo Ministério da Educação (MEC), pela Fundação Orsa e pela União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) - pertencem à Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. São elas: Escola Municipal Especial Rotary Club - 1º lugar (Zona Norte), Escola Municipal Maurício Cardoso - 2º lugar (Zona Norte), e Escola Municipal Almeida Garret - 5º lugar (Zona Oeste).

A indisciplina escolar é apontada por grande parte dos professores como uma das causas do baixo rendimento dos alunos. Uma variedade enorme de comportamentos dissonantes, imprevistos e inadequados são classificados como indisciplina e o tema ocupa lugar de destaque na lista de reclamações feitas pelas escolas às famílias de seus alunos e vice-versa.

Essa visão maniqueísta que contrapõe disciplina/bom aluno e indisciplina/mau aluno é contestada, no entanto, por Miguel González Arroyo, Ph.D. em Educação pela *School of Education* da Universidade de Stanford e ex-professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para ele, a indisciplina, a inquietação e o questionamento sempre foram qualidades da infância, da adolescência e da juventude de todos os tempos: “Coitada da escola ou da sociedade em que a infância ou juventude perderam o questionamento e a inquietação.”

Educação e disciplina. Binômio contraditório?

Para Miguel Arroyo, a escola ou a família que entendem a indisciplina ou a disciplina como problema apontam para o fracasso do trabalho dos professores: “Culpar de violentos os alunos e filhos é uma irresponsabilidade.”

Em sua avaliação, o maior problema é as escolas rotularem como indisciplinados os alunos oriundos das camadas menos favorecidas, nomeando-os com termos pejorativos: “Mais grave do que isso é que muitos docentes das escolas populares também são filhos e filhas do povo, das camadas mais baixas. Seria bom lembrar dos valores e da dignidade das famílias e comunidades onde nasceram, se criaram e se educaram”. Em entrevista à Nós da Escola, Arroyo aprofunda esta discussão.

Qual o conceito de disciplina na escola?

Miguel Arroyo - Disciplina e educação. Como unir dois processos tão desencontrados? Que significado pode ter para um docente quando se pensa como educador e para uma escola quando se pensa como educandário? Falar em disciplina? Educar para a disciplina? Educar seria disciplinar? Confesso que tenho dificuldade em encontrar qualquer relação entre educar e disciplinar seres humanos. Como educador, sou contra qualquer uso da educação para disciplinar crianças, adolescentes ou jovens. Penso antes em Paulo Freire, na educação como aprendizado da liberdade.

Onde está o problema da disciplina? No aluno?

No professor? Na escola? Na família ou na sociedade?

Miguel Arroyo - Quando a escola, a família ou a sociedade passam a entender a disciplina ou indisciplina como problema da infância ou da adolescência é um grave indicador do nosso fracasso como educadores(as). Quando uma família, um educandário, uma sociedade são violentas com suas crianças, adolescentes ou jovens, como esperar que eles (as crianças) não aprendam essas lições? A sociedade é violenta, indisciplinada, dominada pela procura de lucro. A concorrência somente submete o povo ao desemprego, ao subemprego. Os horizontes humanos se fecham para nossos adolescentes e jovens. Há violência maior? A infância é jogada nas ruas para sobreviver a qualquer custo. As famílias e escolas padecem essa violenta indisciplina social. Por vezes a reproduzem. Inclusive na rigidez das escolas. Como esperar que essas crianças, adolescentes e jovens sejam ordeiros e bem-comportados? Os adultos recolhem o que semeiam. Culpar de violentos(as), os alunos(as), os filhos ou filhas é uma irresponsabilidade.

Os professores falam em alunos indisciplinados, os alunos falam em professores bravos. Podemos sair desse olhar mútuo, deixar as acusações mútuas e pensar nas responsabilidades do convívio escolar?

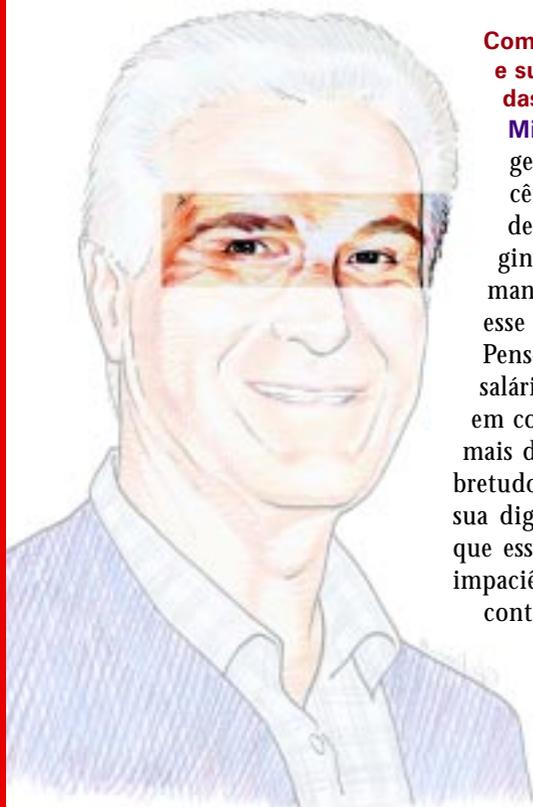
Miguel Arroyo - Primeiro devemos começar por superar essa visão saudosista de que nós fomos filhos e alunos mais disciplinados. A indisciplina, a inquietação, o questionamento sempre foram qualidades da infância, da adolescência e da juventude de todos os tempos. Coitada da escola, ou da sociedade em que a infância ou a juventude perderam o questionamento e a inquietação. Só nos cemitérios e nos campos de concentração, ou nas ditaduras (lembrem da criança do filme *Vida é Bela?*) encontraremos essa disciplina. Somente em escolas ou salas de aula que viraram cemitérios encontraremos essa disciplina. Encontraremos corpos infantis e juvenis cheios de vida disciplinados, silenciosos, quietos, parafusados em suas carteiras, rígidos, olhando para a nuca do colega da carteira da frente. Esse sonho nada tem de pedagógico. Todos sabemos de milhares de educadores e educadoras e de escolas que têm orgulho de educar crianças, adolescentes e jovens vivos, ques- ▶

“Coitada da escola ou da sociedade em que a infância ou a juventude perderam o questionamento e a inquietação. Só nos cemitérios e nos campos de concentração ou nas ditaduras encontraremos disciplina.”



tionadores e estimulam essa vida, problematizam seus questionamentos. Educadores(as) que reinventam, como Paulo Freire, a pedagogia problematizadora, libertadora. É possível um convívio escolar humano. Conheça inúmeras escolas onde reina um clima alegre, humano, construído com empenho por educadores e educandos.

“ Confesso que tenho dificuldades em encontrar qualquer relação entre educar e disciplinar seres humanos. Sou contra qualquer uso da educação para disciplinar crianças, adolescentes ou jovens. Penso antes em Paulo Freire, na educação como aprendizado da liberdade. ”



Quais são os alunos vistos como indisciplinados?

Miguel Arroyo - Os pobres, os filhos e as filhas dos setores populares. Os mesmos que a mídia e as elites vêem como violentos e indisciplinados. Na escola, com frequência, nos deixamos contaminar pelo olhar negativo que nossa sociedade excludente tem do povo, dos trabalhadores, dos negros, dos milhões de cidadãos que essa mesma sociedade condena à miséria e à sobrevivência mais elementar e ainda espera que fiquem bem-comportados. A nossa cultura escolar e docente se deixa contaminar facilmente pela cultura elitista que vê o povo como incivilizado, sem cultura, sem valores, sem disciplina. Nomeamos nossos(as) alunos(as) com termos pejorativos: repetentes, evadidos, lentos, desatentos, violentos, indisciplinados, carentes, sem caráter, sem hábitos morais... Se houver ainda educandários e docentes que vêem os(as) filhos(as) do povo com esse olhar tão negativo deveriam reconhecer que não têm preparo para serem nem educandários nem educadores. O mais grave é que muitos docentes das escolas populares são também filhos(as) do povo. Seria bom lembrar dos valores e da dignidade das famílias e comunidades. Onde nasceram, se criaram e se educaram. Talvez a indigna condição de docentes nos desumanizou? Renunciamos a nossa origem?

Como os(as) educadores(as) podem repensar seus valores e sua cultura profissional para trabalhar com alunos(as) das classes tidas como violentas?

Miguel Arroyo - Reaquecendo os valores e a cultura popular de origem em que muitos(as) nasceram e passaram sua infância, adolescência e juventude. Trazendo a sua memória os valores e a dignidade de suas famílias, de suas comunidades trabalhadoras e negras. Reagindo violentamente aos valores e à cultura das elites violentas que mantêm o povo na miséria, no desemprego e no desespero e quando esse mesmo povo luta e reage por dignidade é pichado de violento. Pensemos como categoria docente que também é mantida no limite de salários de sobrevivência por essas mesmas elites no poder, o que temos em comum com os valores e a cultura das elites que nos violentam? Faz mais de 20 anos que a categoria docente, da escola pública popular sobretudo, é tida como violenta, indisciplinada, por quê? Porque luta por sua dignidade. Talvez esta nossa história docente nos ajude a entender que essa é mesmo a cultura política, social e pedagógica que condena a impaciência do povo como violência. Será essa a mesma cultura que nos contamina a ponto de condenarmos nossos(as) alunos(as) como violentos, indisciplinados? Por que não termos um olhar pedagógico e ver em sua indisciplinada a procura da mesma dignidade, dos mesmos direitos pelos quais nós docentes lutamos? Se nossa indisciplinada é um valor de que nos orgulhamos, reconhecemos os valores da indisciplinada dos educandos. ■

Sebomania

Se você está à procura de livros antigos ou seminovos, em bom estado de conservação e com preços acessíveis, não deixe de percorrer os sebos da cidade do Rio de Janeiro. As obras são de segunda mão, sim, mas, diferente do que se imagina, estão em perfeito estado. E o que é melhor: são vendidas, quase sempre, pela metade do preço ou menos ainda.

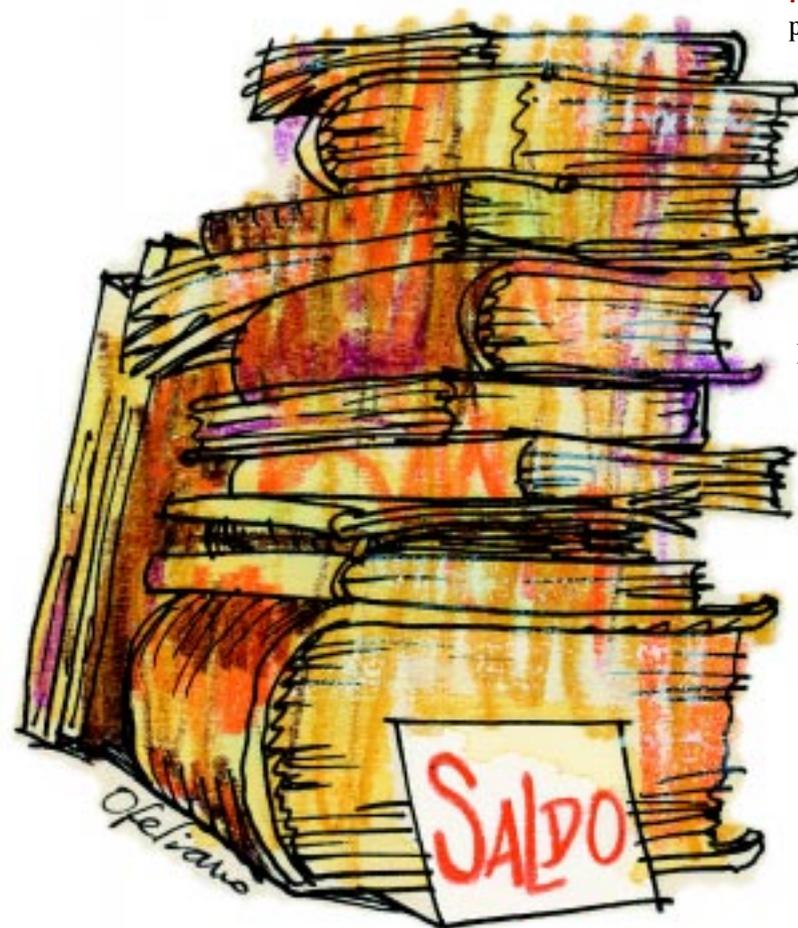
O professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antonio Carlos Secchin, é especialista no assunto. Ele lançou, no ano passado, a segunda edição do *Guia dos Sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo* (Editora Nova Fronteira) e constatou que o número de estabelecimentos vem aumentando: “Em 1998 existiam, na cidade do Rio, 35 sebos. Hoje, eles passam a casa dos 45.”

Onde ficam - A maior parte dos sebos cariocas está no Centro da cidade. Em apenas um dia é possível percorrer quase todos. Com o advento da informática, os sebos tornaram-se mais ágeis no atendimento, desmistificando o estereótipo de lugares lúgubres e sujos, só frequentados por pessoas mais idosas atrás de raridades.

Sempre é possível encontrar alguns livros considerados raros pelo tempo de existência ou que tiveram edição esgotada. Mas, ao mesmo tempo, as prateleiras vêm sendo ocupadas por publicações recentes. Para o professor Secchin, a atualidade do acervo dos sebos facilita o acesso a obras que, em lançamento, são mais caras: “É possível encontrar livros usados, mas recentes e pela metade do preço. O professor que não frequenta os sebos está jogando dinheiro fora.”

Preços - Não há muita lógica nem tabelas de preços, pois os livreiros estabelecem suas margens de lucro por métodos próprios e em cima de muitas variáveis, desde a qualidade do papel até o grau de raridade. O ideal é visitar mais de um espaço, para avaliar as diferenças de preços. Outra dica é pechinchar, como explica o professor Secchin: “Os livros usados saem pela metade do preço. Disto não há dúvida. Mas o leitor não pode nem deve esquecer que pechinchar é um ato comum nos sebos do Rio. Pechinchar é uma obrigação.”

Em seu livro, o professor constata que, apesar da tão falada crise do livro e da leitura, o mercado de livro usado não mostra sinais de retração: “Pelo contrário. Hoje há um grupo novo de livreiros, de formação universitária, que está fazendo uma ponte entre a mercadoria antiga e as novas formas de difusão e comercialização do produto. Quem tem a ganhar é o leitor”. Além dos sebos estabelecidos em lojas, muitos livreiros de calçada surgiram nos últimos anos com títulos atuais e, algumas vezes, edições dos anos 70 que hoje são raridade, principalmente dos clássicos das ciências sociais. ▶



Veja os principais sebos da cidade do Rio de Janeiro:

CENTRO

Academia do Saber
Avenida Passos, 22
Informações: 2242-8967

O Acadêmico do Rio
Rua da Carioca, 61
Informações: 2240-4061

Antiquilhas Brasileiras
Rua da Carioca, 10
Informações: 2242-7142/2233-9572

Antiquário
Rua Sete de Setembro, 207
Informações: 2221-4796/2221-7423

Augusto
Rua Visconde de Rio Branco, 5, sala 103
Informações: 3474-3930

Berinjela
Avenida Rio Branco, 185, subsolo, loja 10
Informações: 2215-3528

Le Bouquiniste
Rua Visconde do Rio Branco, 28
Informações: 2522-3247

Brasileira
Avenida Rio Branco, 156, sobreloja 229
Informações: 2262-4789

Cabral
Avenida Gomes Freire, 151
Informações: 2509-5551

Marco Antonio
Rua do Ouvidor, 130, sobrelojas 203 e 213
Informações: 2531-9587

Mar de Histórias (filial)
Rua Teófilo Otoni, 135, subsolo
Informações: 2223-3045

Regente Feijó
Rua Regente Feijó, 24
Informações: 2242-2663/2531-7140

Roberto Nogueira
Rua Visconde do Rio Branco, 18/103
Informações: 3286-9195

Camerino
Rua Camerino, 52
Informações: 2233-3752

Champs-Élysées
Praça Tiradentes, 27
Informações: 2242-1868

Cultura & Cia.
Rua do Senado, 43
Informações: 2232-9587

Edson Silvério
Rua da Alfândega, 98, grupo 406/407
Informações: 2222-7143

Elizart
Avenida Marechal Floriano, 63
Informações: 2253-5201

A Estante
Rua da Constituição, 52
Informações: 2252-4870

Geraldo Mello
Rua Ramalho Ortigão, 2, sobreloja 2
Informações: 2233-7565

Imperial
Praça XV, 48, loja C
Informações: 2524-2605

Império
Rua Regente Feijó, 28
Informações: 2507-9645

João do Rio
Rua do Resende, 21, loja B
Informações: 2221-2151

Kosmos
Rua do Rosário, 155
Informações: 2224-8616

Leonardo Marios
Rua da Constituição, 20
Informações: 2242-8967

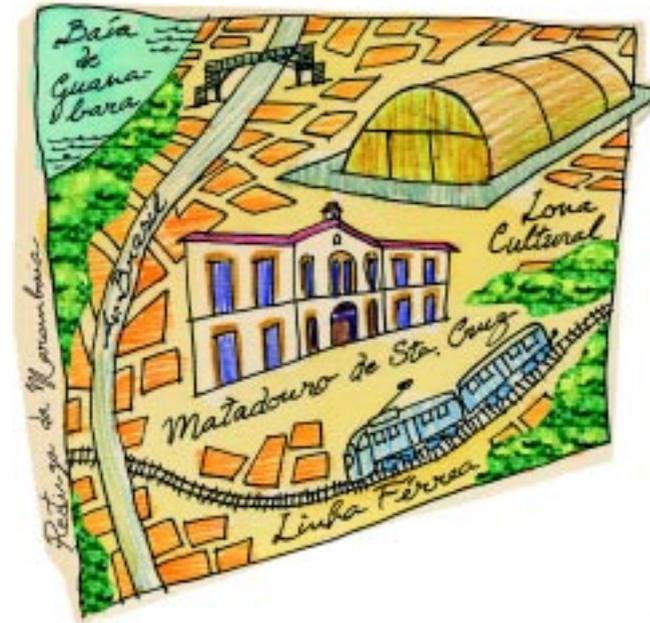
Padrão
Rua Miguel Couto, 40
Informações: 2221-1784

São José
Rua do Carmo, 61
Informações: 2507-8975

Sebão
Rua Regente Feijó, 43
Informações: 3852-3899

Universal
Rua do Rosário, 151
Informações: 2224-8979

Walter Cunha
Rua do Teatro, 1
Informações: 2242-3937



ZONA OESTE

CAMPO GRANDE
Campo Grande
Rua Dr. Caetano de Faria Castro, 97-B
Informações: 2415-3935

JACAREPAGUÁ
Irmãos Fernandes
Avenida Geremário Dantas, 1158-B
Informações: 2425-4313

ZONA NORTE

ANDARAÍ
Che
Rua Gastão Penalva, 173
Informações: 2570-1181

MADUREIRA
Portela
Estrada do Portela, 51/57 - lojas K e P
Informações: 3390-4386

TIJUCA
Aimée Gilbert
Rua Conde de Bonfim, 100
Informações: 2569-9770



ZONA SUL

BOTAFOGO
Von Hager Ginter
Rua da Passagem, 134, sobrado
Informações: 2295-6493

CATETE
Beta de Aquarius
Rua Buarque de Macedo, 72
Informações: 2556-1213

Maria Fumaça
Rua do Catete, 164, sobrado
Informações: 2225-7218

LEBLON
Dantes
Rua Dias Ferreira, 45-B
Informações: 2511-3480

COPACABANA
Baratos da Ribeiro
Rua Barata Ribeiro, 354, loja D
Informações: 2549-3850/2256-8634

Cidade das Letras
Rua Barata Ribeiro, 370, sala 220
Informações: 2255-7672/3681-0708

Graciliano do Ramo
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1103, loja B
Informações: 2247-6366/2522-4247

Mar de Histórias
Rua Francisco Sá, 51, loja 15
Informações: 2247-7293

2005
Rua Siqueira Campos, 143, loja 41
Informações: 2255-1695/2255-7872

Lembranças doces, ou não

Histórias dos tempos de escola todo mundo tem. Sejam boas ou más, elas sempre aparecem em uma roda de conversa. Professores, amigos, as aulas, o primeiro namorado, as brincadeiras do recreio, tudo vem à tona na hora de recordar aquela época em que a única responsabilidade era estudar.

O ator Mário Lago era um célebre contador dessas histórias. Aluno do Colégio Pedro II, ele não cansava de falar sobre as aulas dos seus professores ilustres, a rixa com os estudantes do Colégio Militar, as moçoilas que faziam ponto na frente da escola e uma certa professora que causava *frisson* entre os meninos. Foi ele inclusive que liderou um movimento contra o uso obrigatório de canetas.

Outra que tem boas recordações do colégio é a cantora, carioca da gema, Fernanda Abreu: “Estudei nas escolas municipais Shakespeare e Camilo Castelo Branco. Tinha amigos de várias culturas, classes sociais, raças e professores ótimos. Rachel era o nome da minha professora de música e foi ela quem me instigou a gostar desta arte.”

Mas há também quem guarde momentos nem tão saudosos. Uma bronca da professora, uma nota baixa em matemática, uma prova de recuperação ou até mesmo a ingrata reprovação. Boas ou não, as memórias que guardamos da vida escolar são contadas a qualquer hora e lugar. Nós da Escola foi às ruas buscar as doces e amargas lembranças daqueles que já saíram ou que ainda estão freqüentando os bancos escolares.



“Tudo era bonito e moderno na minha primeira e inesquecível escola, chamada Escola Municipal Argentina, em Vila Isabel. Prédio imponente, de arquitetura *art déco*, foi inaugurado em 1936 e ali se ensinava de acordo com as idéias da Escola Nova, que Anísio Teixeira trouxe para o antigo Distrito Federal. Em 1941, com 5 anos, entrei para o jardim de infância e me encantei com a sala de aula colorida, mesas e cadeirinhas azuis, pinturas dos personagens de contos de fadas nos corredores, muita luz e espaço. Adorei os banheiros porque as pias e vasos sanitários eram baixinhos, coisa que nunca tinha visto. Havia um piano no auditório de verdade e cortinas de veludo vermelho - onde tiramos uma foto da turma, hoje pendurada na parede do meu escritório. Cantávamos, desenhávamos, brincávamos. Mas o que me deixou mais satisfeita foi aprender a amarrar os sapatos e a abotoar o avental (treinávamos nos uniformes dos colegas). A professora magrinha e elegante chamava-se Elza. Era delicada, discreta, nunca a ouvi levantar a voz.



Minha única tristeza dos tempos de Escola Argentina era quando terminava o ano letivo e trocavam a professora”.

Marlene Carvalho

Educadora, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro



“Eu não gostava de estudar, por isso as minhas boas recordações da Escola Municipal Brito Broca, no Morro da Formiga, na Tijuca, são da comida e das brincadeiras. Na hora do almoço, havia arroz com peixe e salsicha com polenta. Uma delícia! Mais inesquecível eram as sobremesas. Sinto até hoje o gosto dos doces de goiabada, de mamão e de leite. A hora do recreio também me deixou boas lembranças. As brincadeiras não tinham nada a ver com as lutas de hoje. Eu brincava de bola de gude, roda, pique e de pular carneirinho.



Lembro do dia em que uma das professoras puxou minha orelha até sangrar. Eu vivia saindo de sala para fazer xixi. Uma vez, não voltei para a sala. Fiquei do lado de fora conversando com os amigos. A diretora chamou a atenção da minha professora, dona Terezinha, que foi me puxando pelas orelhas. Sinto a dor até hoje, só de pensar.”

Marisa Freitas Ferreira Lima
Mãe social do Ciep Margareth Mee



“Eu gostei muito da professora Maria, da primeira série. Ela dava aulas de matemática e sempre ensinava de uma forma descontraída. Ensinou os números pares e ímpares encenando uma peça de teatro.



O que eu não gosto muito na escola são as aulas de música. O professor põe uma música e pede para a turma cantar. Ninguém canta. O pessoal aproveita para fazer bagunça. É chato, não dá para acompanhar.”

Luila Teófilo Fernandes
Aluna do 3º ano do ciclo do Ciep Agostinho Neto



“Freqüentei a escola dos 11 aos 15 anos. Antes disso aprendia em casa, com meu pai. O colégio era o Imaculada Conceição, no Ceará. De lá lembro-me dos amigos e queridos professores. Havia duas irmãs, as mestres Apolínea e Angela. Em um lugar de poucos horizontes, as duas se destacavam. Eram mulheres de grandes saberes, inteligentes e intelectuais. Eu, muito saliente e conversadeira, me interessava muito pelo que elas diziam.”

Rachel de Queiroz

Escritora e membro da Academia Brasileira de Letras



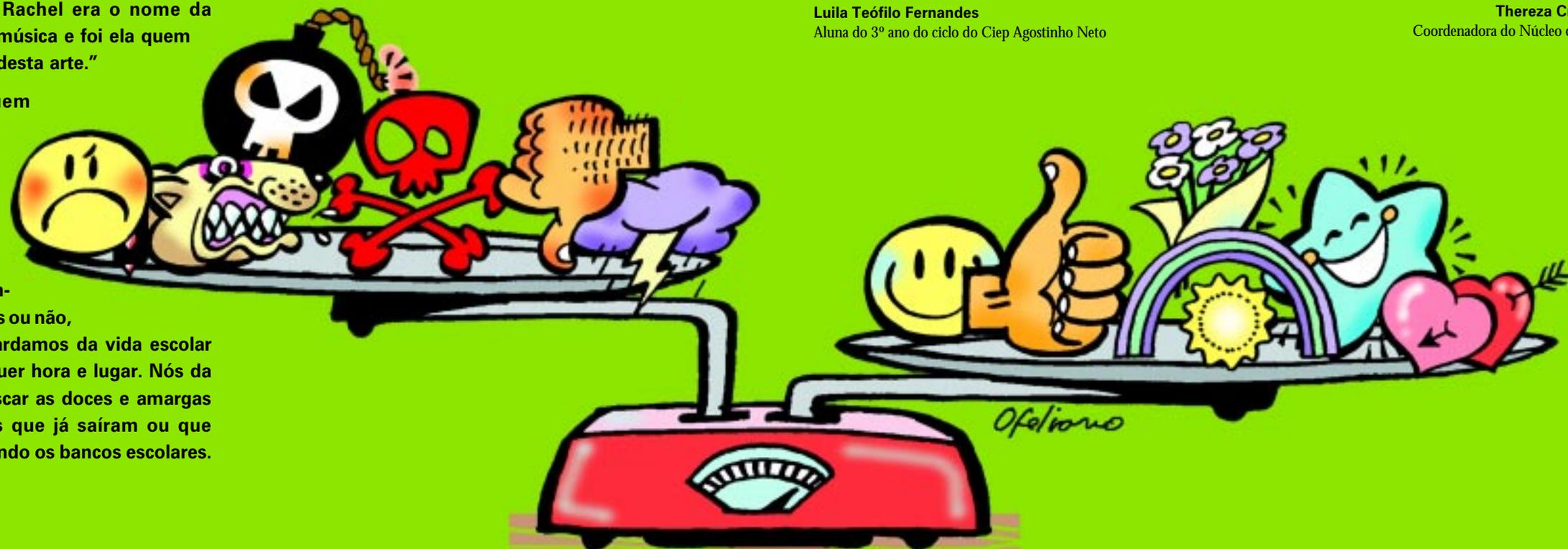
“Estudei na Escola Municipal Doutor Coccio Barcelos, em Copacabana. Lembro muito da relação de afeto que havia entre alunos e professoras. Uma delas era Sônia, professora de história, morena, cabelos compridos e muito alegre. Eu era filha de militar e muito tímida. Nas aulas da Sônia essa timidez acabava, porque ela tinha um jeito descontraído de lidar com os alunos. A gente não tinha medo de tirar dúvidas e questionar a respeito da matéria. É uma boa lembrança que tenho.



Mas, nessa mesma escola, um dia alguém da minha turma soltou um barbantinho cheiroso. A diretora, com raiva, queria expulsar a turma toda. Sofri muito. Eu tinha uns 12 ou 13 anos e chorei horas pensando no meu pai militar sabendo da notícia. Acabou que ninguém foi suspenso, a turma ficou apenas de castigo.”

Thereza Cristina Ferraz Pinho

Coordenadora do Núcleo de Artes Albert Einstein



- *Ler para viver?*, pergunta-se Flaubert.

- *Ou ler para fazer perguntas?*, sugere Kafka.

Das plaquinhas de argila da Suméria aos nossos cibertextos, sabemos que a história registra não só uma infinidade de motivações para a leitura, mas também para sua proibição, como se fosse da natureza da palavra escrita penetrar a intimidade do leitor e fazê-lo agir, fazê-lo mover-se para lugares que só ele é capaz de escolher, como quer Manguel em sua história da leitura.

(Uma história da leitura. Manguel, Alberto. São Paulo: Cia. da Letras, 1997)

Núcleo de publicações: uma oficina de criação

Trabalhar com a palavra escrita em diversos espaços gráficos, tornando-a passaporte para a multiplicidade de significados. O objetivo não é produzir um receituário de atividades muito menos uma enciclopédia conteudista. A idéia é se valer da palavra escrita para propor uma outra maneira de organizar e potencializar o ato criativo, buscando registrar, no tempo e no espaço, sentimentos, idéias, projetos, dúvidas e hipóteses. Assim são os produtos impressos elaborados pelo Núcleo de Publicações da MULTIRIO.

O lugar da escrita - O desafio é encontrar e estabelecer o lugar próprio das publicações impressas em papel ao lado dos meios mais modernos de disseminação de palavras e imagens, tanto na área do vídeo, como nas muitas bases tecnológicas da informática, como explica a professora e jornalista Maria Inês Delorme, responsável pelo Núcleo: “Queremos, na verdade, garantir as peculiaridades dos recursos específicos da palavra escrita, em impressos variados e publicações, operando em consonância criativa, não linear, com o vídeo e a informática.”

Um dos produtos do Núcleo é a Revista **Nós da Escola**. Voltada para o professor, no ano passado ela teve como eixo editorial as Diretrizes Curriculares Nacionais. Nesta ano, foram escolhidos temas que estão sempre na pauta do professor: a Educação Infantil, a avaliação, o currículo, a relação família e escola, sempre abrindo

espaço para os especialistas acadêmicos ao lado da fala dos educadores que estão na sala de aula. A partir desta edição, o professor encontrará reportagens, artigos e conteúdos das seções ligados à teoria e à prática do magistério.

Humor - Ao mesmo tempo, a revista traz a cada edição dois encartes: a versão atual do Giramundo, que já tem uma história na rede, e um cartaz, lúdico, provocativo, para ser usado e colecionado pelos professores de diferentes segmentos do Ensino Fundamental.

A professora Cristina Campos, uma das responsáveis pelos encartes, explica que os dois produtos são constituídos com leveza e humor: “Eles apresentam possibilidades vari-

adas que favorecem construções conceituais de professores e alunos sobre determinado tema.”

Outros produtos - Até o final deste ano, as escolas também receberão o *kit* DCN, como é carinhosamente chamada a caixa contendo livro com a íntegra das Diretrizes Curriculares Nacionais e fitas VHS da série Uma Escola do Tamanho do Mundo, apresentada na televisão em 2001.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, o Núcleo também está produzindo o Caderno do Professor, fascículo temático, mensal, que nas quatro primeiras edições trará os seguintes temas: linguagem, leitura, escrita e avaliação.

Mas o Núcleo não produz apenas para o professor. Para os alunos, está sendo elaborado o Caderno de Férias, com o objetivo de trabalhar conceitos, conteúdos e valores lúdicos das séries iniciais do primeiro ciclo de formação. O caderno deverá ser distribuído no final deste ano letivo.

Guias - O Núcleo de Publicações também está finalizando dois guias, um voltado para a infância e outro para a juventude. O objetivo é colocar nas mãos do cidadão carioca material de apoio, com descrição, endereços e telefones das instituições públicas que a Prefeitura mantém, cobrindo desde as demandas de saúde, educação e justiça, até lazer, esporte e cultura, mostrando, sobretudo ao cidadão, os inúmeros direitos que ele tem em relação à criação dos filhos.

Para o professor e para os cidadãos que buscam mídia de qualidade, o Núcleo de Publicações, em parceria com a Assessoria de Comunicação Social e apoio das áreas de pesquisa e produção da empresa, também está preparando o catálogo completo dos produtos da MULTIRIO.

O objetivo é resgatar a história da produção da casa, desde a sua criação, colocando à disposição do público a lista dos programas de TV e as publicações impressas e as organizadas em meios digitais. O guia tem o formato de um fichário escolar e a cada ano os professores receberão novas fichas para atualizar as referências. O catálogo conta a história da empresa, dá dicas de como criar e manter uma videoteca e apresenta sinopses e sugestões de uso dos produtos.



Quem é quem

- Alberto Jacob Filho** - Fotógrafo
- Ana Cristina Lemos** - Programadora visual
- Ana Lagôa** - Jornalista
- Ana Lúcia Barreiros** - Produtora gráfica
- Cristina Morel** - Psicóloga
- Cristina Campos** - Jornalista e professora da Rede Municipal de Ensino do Rio
- Erick Grigorovski** - Programador visual
- Guaira Miranda** - Gerente de multimídia
- Joanna Miranda** - Pedagoga
- Marcus Tadeu Tavares** - Jornalista
- Maria Inês Delorme** - Jornalista e professora. Responsável pela Diretoria de Publicações da MULTIRIO
- Martha Neiva Moreira** - Jornalista
- Nancy A. Soares** - Revisora
- Sérgio Carvalho** - Programador visual
- Suely Barreto** - Psicopedagoga
- Tania Oliveira** - Programadora visual



Juntas, mas diferentes

Família e escola.
O relacionamento
precisa ser
produtivo e
solidário.

Mas, como nas demais relações, há complexidades, acertos e erros, retrocessos e avanços. De um lado, está a família que, historicamente, credita à escola a responsabilidade de instruir e educar os filhos da melhor forma possível. Do outro, a escola afirmando que o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e da participação da família. E no meio, como não poderia deixar de ser, crianças e jovens, alvos desta tensão que muitas vezes traz mais bônus do que ônus.

Marcus Vinícius da Cunha, professor do Departamento de Psicologia e de Educação da Universidade de São Paulo (USP), fez um estudo sociológico sobre o assunto e concluiu que as duas instituições vivem eterno descontentamento mútuo: “Se perguntarmos aos pais o que eles acham da escola, possivelmente obteremos uma extensa lista de insatisfações. Se interrogarmos os professores, é provável que apontem inúmeros aspectos em que as famílias deixam a desejar.”

Os pais, qualquer que seja a classe social a que pertençam, não querem que a escola apenas instrua seus filhos. Marcus Vinícius identificou que os pais desejam que a escola os eduque no sentido mais amplo da palavra: “Que transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento. Eles não têm tempo para cuidar dos filhos. Trabalham praticamente o dia inteiro e acreditam que a função de educar nesse sentido amplo é da escola. Por outro lado, as escolas negam que tenham também este papel.”

Culpa da família - Foi exatamente isto que constatou a pesquisa *Escola e família: instituições em conflito?*, realizada, em abril do ano passado, pelo Observatório do Universo Escolar e pelo núcleo de pesquisas da ONG La Fabrica do Brasil, em parceria com o Ministério da Educação (MEC). De acordo com o levantamento, 57,3% dos professores atribuem à família a responsabilidade pela indisciplina na escola. Aproximadamente 70% acreditam também que os pais não participam da educação dos seus filhos, pois suas famílias estão desestruturadas.

A escola ainda se queixa do fato de os pais creditarem a ela toda a responsabilidade pela educação dos seus filhos. A pesquisa mostrou que 93% dos professores já se sentiram cobrados em certas ações que, na opinião deles, caberiam, na verdade, à família.

Neste empurra-empurra, uma coisa fica cada vez mais clara: não existe a família idealizada pela escola, nem uma instituição escolar sonhada pela família, que esteja acima do bem e do mal. Ambas estão, na verdade, em transformação, como qualquer instituição social viva que se caracteriza por sua possibilidade de transformação permanente. A escola e a família passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel na sociedade.

Que família? - Os dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2000, revelam o quanto a família brasileira já mudou, distanciando-se cada vez mais do sistema patriarcal, onde a mãe ficava em casa cuidando dos filhos enquanto o pai trabalhava. No início da década de 1990, de cada 100 domicílios, 18 eram comandados pelo sexo feminino. Dez anos depois, a proporção havia passado de um para cada quatro. Nas populações de baixa renda, cerca de 55% dos lares são, atualmente, chefiados por mulheres, viúvas, solteiras ou separadas.

E mais: as estatísticas mostram também que em 2% dos lares brasileiros os homens são os que cuidam sozinhos da educação dos seus filhos, mesmo trabalhando fora. Isso sem contar com as novas formas de casamento entre homossexuais, que crescem a cada dia, embora ainda não sejam considerados pelos levantamentos oficiais.

Culpa da escola? - Por sua vez, a escola também mudou. Já não é mais o único espaço de formação e de informação. Tanto a escola quanto a família deixam de ser as únicas mediadoras das formas de se educar e produzir conhecimento. O professor também não é mais o detentor do conhecimento e muito menos os alunos são *depósitos de conteúdos*. Superado o binômio ensinar/aprender, os educadores sabem que a constituição de conhecimentos, conceitos e valores não acontecem apenas dentro da sala de aula.

Somado a isso tudo, a escola do final do século XX e início do XXI deve valorizar a heterogeneidade, a universalização do ensino, o processo e o produto do conhecimento, o respeito à diferença, o lugar do professor como mediador do processo e a necessidade de constituir junto aos estudantes valores e conceitos para a vida feliz e plena em cidadania.

Tarefa relativamente nova e nada fácil. Afinal, o professor Marcus Vinícius destaca que a escola, em que boa parte dos professores de hoje estudaram, não tinha este compromisso: “Antiga-▶



Jardim de Infância Marechal Hermes da Fonseca, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ) e Escola Municipal Campos Salles, Centro, Rio de Janeiro (RJ).

A escola e a família passam por mudanças que estão redefinindo sua estrutura, seu significado e seu papel na sociedade. Na educação, o que se espera é que uma complemente o trabalho da outra.

mente, o papel da escola era apenas dar conta da transmissão do conhecimento e ponto final. Valores e padrões de comportamento eram ensinados e cultivados em casa. A escola, sim, os reproduziam, referendavam e legitimavam.”

Sem culpados - Diante das novas exigências e papéis, algumas escolas vêm tentando dividir suas responsabilidades educacionais com os pais. Muitos destes ainda não se vêem capazes ou se negam a auxiliar o trabalho. Acreditam que a função seja da escola. Há também professores que não conseguem enxergar aliança. Culpam as famílias pelos baixos rendimentos, pelo desinteresse e pela indisciplina dos estudantes. Preferem manter os pais dos alunos à distância. Não acreditam na importância da parceria da família com a escola.

Nem sempre é assim e há muitos pais e professores que se predispõem e crêem que a ajuda mútua seja importante. Os pais somam aos afazeres domésticos e aos empregos a tarefa de participar da construção de uma escola que atenda às reais necessidades de seus filhos. Os mestres, por sua vez, abrem as portas da escola, trocam informações com os responsáveis, aproximando a comunidade escolar do cotidiano de cada estudante.

O resultado do trabalho ainda não é objeto de estudo oficial. Sabe-se, no entanto, que a união vem colaborando para a construção de uma nova escola, onde a família e os professores são co-autores das decisões administrativas e pedagógicas, o que acaba favorecendo e facilitando a educação dos estudantes.

Parceria - Esta união também já vem sendo discutida e defendida em bases teóricas. As faculdades de Pedagogia e os cursos de licenciatura debatem a necessidade da escola e da família caminharem juntas, se responsabilizando mutuamente pela formação dos alunos. Estão discutindo entre seus pares, que para haver

parceria e composição de tarefas, é preciso ter clareza do que cabe a cada uma das instituições.

No Rio de Janeiro, o Departamento de Educação da Uerj oferece, há cinco anos, como matéria eletiva, na grade curricular dos cursos de licenciatura e de Pedagogia, a disciplina Família e Escola. A professora Eloiza da Silva Gomes de Oliveira, vice-diretora do departamento, explica que o curso tem o objetivo de aproximar os futuros professores das famílias dos seus alunos: “A escola, por muito tempo, se isolou. Achava que somente ela daria conta da educação dos estudantes. O que não é certo. Ela esqueceu que, no processo de aprendizagem, a família tem forte influência.”

Que o diga, por exemplo, Maria da Graça Nogueira, professora de Educação Infantil da Escola Municipal Campos Salles, Centro do Rio de Janeiro (RJ). Há anos, suas aulas são frequentadas por seus alunos e respectivos responsáveis: “O objetivo é aproximá-los da escola e estabelecermos um compromisso mútuo”. Para Maria da Graça, uma atividade comum em sua rotina de trabalho. Para os alunos, a certeza de que os educadores e a família estão de mãos dadas. Para as demais escolas e famílias, um exemplo a ser seguido. Afinal, as duas instituições têm em comum a formação plena de suas crianças.

A psicopedagoga Joana Maria Rodrigues Santo vai além. Para ela, família e escola são pontos de apoio e sustentação do ser humano: “São marcos de referência. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.”

Portanto, a escola não pode culpar a família pelo baixo rendimento do aluno nem vice-versa. Os professores devem entender que a família mudou, não para pior ou melhor, apenas mudou e é com estas diversas famílias de hoje que a escola deve trabalhar. Buscando compreender as nuances de cada situação, como explica a psicopedagoga: “Tudo o que se relaciona aos filhos tem a ver, de algum modo, com os pais e vice-versa e tudo o que diz respeito aos alunos tem a ver, sob algum ângulo, com a escola e vice-versa.”

Missão - No livro *500 anos de Educação no Brasil* (Editora Autêntica), o professor Marcus Vinícius, da USP, indaga quem ficará responsável, neste novo século, pela educação das crianças e adolescentes, caso a escola abra mão deste papel. Ele mesmo arrisca um palpite: “Se a escola não for o espaço de preparação das novas gerações, por certo os profissionais dos meios de comunicação, as gangues de rua ou até mesmo os traficantes de armas assumirão o papel. Candidatos naturais a educadores não faltam. Resta aos educadores refletir a respeito de como aproximar-se de seus alunos tendo o apoio constante da família. Uma complementando a ação da outra pode alcançar o tão esperado êxito na formação dos futuros cidadãos”. ■

Linha do tempo

Século XVII

Os saberes imprescindíveis à vida adulta são transmitidos às crianças por suas próprias famílias. Famílias numerosas de caráter patriarcal, onde se dava mais valor aos filhos homens e primogênitos. Crianças aprendiam valores e padrões de comportamento em casa, além das técnicas profissionais.

Século XVIII

É com a Revolução Francesa que surge a idéia de uma escola pública, gratuita, laica, igual para todos e aberta para toda a população. A escola passa a dividir a responsabilidade da educação com as famílias.

Século XIX

A escola assume definitivamente o espaço do saber, da cientificidade. Somente a escola é capaz de educar crianças e jovens segundo os saberes científicos.

Século XX

A concepção de ensino e de metodologia escolar e a escola como instituição passam por transformações importantes tanto quanto as famílias. A família credita à escola o papel de educar. A escola, diante da democratização do ensino e do seu novo papel, reage. Culpa as transformações por que passa a família pelos problemas educacionais.

Século XXI

Momento de redefinição das responsabilidades específicas das famílias e da escola. Cresce a discussão em torno do trabalho conjunto e complementar da família e da escola, como peça fundamental para a construção de uma escola que atenda às reais necessidades de sua comunidade escolar.

O significado da relação família-escola para a aprendizagem significativa

A família e a escola são instituições fundamentais para a socialização da criança. Primeiramente na família, mediadora da sua relação com o mundo, ela cresce e estabelece as bases da própria subjetividade, desenvolve a gênese da personalidade, da identidade. Isto inclui padrões de comportamento, hábitos, usos, valores e costumes, atitudes e padrões de linguagem, constituindo a chamada socialização primária.

A escola introduz o indivíduo em outros setores do mundo que o rodeia e lhe apresenta outras peculiaridades da cultura, estabelecendo o que chamamos de socialização secundária.

Embora não tenhamos ainda, no nosso país, uma tradição consolidada de estudo das interações entre família e escola, reconhece-se atualmente a sua importância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Esta re-

lação é complexa e muitas vezes assimétrica, no que se refere a valores e objetivos, e, conseqüentemente, sujeita a conflitos. Exemplificando, muitas vezes as duas instituições atribuem-se mutuamente a responsabilidade pelas dificuldades das crianças e jovens.

Isto se acentua, nos dias atuais, pela crise vivida pelas duas instituições. Embora o modelo tradicional de família ainda seja freqüente no mundo atual, ele convive com diversas outras modalidades e situações: separações, divórcios e novos casamentos, convivência de filhos de casamentos diversos e aqueles que são produzidos *independentemente*; uniões de homossexuais; domicílios monoparentais, em que a criança é criada apenas pela mãe ou pelo pai, entre outros.

O mundo alucinante da informação e da luta pela sobrevivência faz com que a busca de afeto e de solidariedade, antes suprida obrigatoriamente pela família, muitas vezes seja infrutífera. Instala-se, em várias situações, a crise de valores e de comunicação, além de conflitos que levam até mesmo à decomposição moral no âmbito familiar.

A escola, por sua vez, perdeu progressivamente a representação, no imaginário social, de *templo do saber*. Busca desenhos curriculares que sejam mais eficazes na transmissão do saber sistematizado universal, redefine os seus papéis - até porque é chamada a cumprir alguns que eram antes assumidos pela família - e tenta estruturar melhores formas de convivência, ante a violência, a impessoalidade das relações e outras manifestações da chamada *crise da modernidade*.

Não há dúvida, entretanto, que a família deve ser sensibilizada a participar da vida escolar e de que a escola necessita conhecer os valores e a cultura da vida familiar. A tão decantada integração escola-comunidade precisa deixar de ser um mito. Só assim família e escola poderão desvelar o real significado do ato de educar, formando o cidadão autônomo e responsável.

Destacamos a importância da permeabilidade à participação da família, muito além do instante inicial de adaptação da criança pequena à escola. Normalmente nesse momento a escola demanda a presença da família, mas, logo que a criança se sente integrada, passa a dispensar e, em muitas situações, a desagradar-se e até mesmo evitar esta presença.

É fundamental que as famílias conheçam a forma como os seus filhos são educados e o trabalho desenvolvido na sala de aula, e que participem da organização do trabalho escolar.

Sem a intenção de apresentar uma "receita" mágica e pronta para essa interação, temos a certeza de que, os chamados apenas para colaborar com trabalho nas festas e passeios realizados, ou para ouvir queixas relativas ao rendimento e à disciplina dos filhos, *não* contribuem para uma forma eficaz de estabelecimento do diálogo família-escola.

Uma das estratégias dessa integração são as reuniões promovidas pela escola. É necessário que os pais se sintam acolhidos, confiem na escola e desenvolvam uma atitude positiva em relação ao conhecimento. Oportunidades de convivência com os outros pais e com a equipe da escola normalmente são bem recebidas pelas famílias, assim como a discussão de temas atuais e interessantes.

A participação significativa dos pais e a boa relação com a escola são, em resumo, essenciais para a escolarização efetiva das crianças e jovens, já que ambas têm enorme influência no desenvolvimento psicoeducacional. ■

* Profa. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Faculdade de Educação

A guarda é nossa

Muito mais do que proteger e dar segurança aos cidadãos, a Guarda Municipal do Rio de Janeiro (GM), criada há nove anos, desenvolve atividades sociais voltadas para as comunidades carentes da cidade. Projetos que beneficiam, além dos moradores, estudantes da Rede Municipal de Ensino do Rio.

Uma vez por mês, por exemplo, alunos de 5ª a 8ª série visitam a base operacional da GM, localizada em São Cristóvão. O comandante Carlos Moraes Antunes explica que os estudantes conhecem um pouco da história e da rotina da corporação: "Chamamos esse projeto de Escola 1, 2, 3...a Guarda é de vocês. A idéia é aproximar a comunidade escolar das atividades da guarda, mostrando a importância do nosso trabalho."

Na ocasião, as crianças são recebidas pela banda da corporação, assistem a peças de teatro e palestras e depois visitam as unidades da guarda, aprendendo seus direitos e deveres.

No rastro da cidadania, 25 guardas municipais com seus acompanhantes moram em cieps da Prefeitura do Rio, onde são responsáveis pelo dia-a-dia de até 12 crianças que vivem em situação de risco social. Trata-se do projeto *Pais Sociais*, que tem o apoio da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Meninos e meninas portadores de necessidades educativas especiais também estão na lista dos beneficiados pelos projetos da guarda. O programa *Judô para Deficientes* atende a cerca de 120 crianças e jovens, sendo 32 surdas.

Resgatar valores culturais do país por meio da música também é um dos objetivos da corporação. Duas vezes por mês, a Banda da Guarda Municipal se apresenta ao ar livre em locais públicos da cidade. O repertório é variado e vai do clássico ao rock, não deixando de lado os gêneros genuinamente brasileiros como chorinho e maxixe.

Formação - Ao mesmo tempo, a corporação se preocupa com a formação cidadã das comunidades carentes da cidade do Rio. Há quatro anos, o projeto *Bandeirantes*

beneficia cerca de 10 mil pessoas do Conjunto Residencial Bandeirantes, em Vargem Pequena, na Zona Oeste do Rio, que ficaram desabrigadas pela enchente que destruiu parte das favelas Cidade de Deus e Rio das Pedras, em 1996. O comandante Carlos Moraes Antunes explica que são promovidas ações assistencialistas, como atendimento médico, atividades culturais, oficinas profissionalizantes, campanhas de vacinação e doação de alimentos: "Nosso objetivo é conquistar a confiança destas pessoas e formar uma consciência mais cidadã." ■



A guarda conta com serviço de atendimento 24 horas. Telefone: 0800-211532



CEC: escola e comunidade unidas

No último mês de maio, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) empossou os novos integrantes dos Conselhos Escola-Comunidade (CEC). Formado por representantes de alunos, professores, funcionários, associação de moradores e pais, cada conselho funciona como um canal de comunicação entre família e escola.

Por meio dele, a família pode, por exemplo, participar da elaboração do projeto político-pedagógico, ajudar no gerenciamento de recursos financeiros e colaborar com o corpo administrativo e pedagógico das unidades. Uma relação que vem sendo construída há 18 anos, colocando tanto a escola quanto a família a serviço da educação das crianças e dos jovens cariocas.

Paulo Cesar de Oliveira Rezende, representante da assessoria técnica de integração educacional da SME, reconhece a importância deste *casamento*. “A família vê no conselho um canal pelo qual pode sugerir, reivindicar e trocar experiências, com o objetivo de lutar pela qualidade da educação dos seus filhos. Isso contagia todo o grupo, toda a escola. Quando a família participa efetivamente do cotidiano escolar, os resultados são positivos. Os índices de repetência e de evasão entram em declínio e a taxa de aprovação cresce.”

Exemplo - Na Escola Municipal Rose Klabin, em Guadalupe, Zona Norte do

Rio, a diretora Maria Célia Almeida Oliveira constata que a atuação do CEC é um dos responsáveis pela diminuição da taxa de repetência em sua unidade. Em 2000, por exemplo, 94 alunos da 5ª série foram reprovados. No ano seguinte, a taxa caiu para 26: “Quando as crianças percebem que não é apenas a diretora e os professores que estão na luta por uma melhor escola, mas, sim, toda a comunidade e, principalmente, os pais, elas sentem-se valorizadas. É exatamente isto que acontece na escola. O resultado é mais do que animador.”

Na prática, o CEC é uma forma de implantar nas escolas uma gestão participativa, onde todos os segmentos são ouvidos e respeitados, tendo como destaque a família. O importante não é que todos façam tudo, mas que todos decidam juntos o que fazer e como fazer.

São mães e pais que somam aos afazeres domésticos e empregos a tarefa de construir uma escola que atenda às reais necessidades de seus fi-

lhos. São responsáveis que dedicam todo ou parte do seu dia à escola pública.

A diretora Maria Célia destaca que o exemplo dos pais que integram o conselho desencadeia nos outros responsáveis o sentimento de responsabilidade. “Os pais vêm nos seus representantes no CEC um canal de comunicação, pelo qual podem sugerir, reivindicar e trocar experiências. Portanto, acabam assumindo o compro-

misso de também lutar pela escola. É como se fosse o efeito dominó”. Efeito dominó que acaba também facilitando o trabalho do professor em sala de aula e, de quebra, anima a auto-estima dos estudantes.

Envolvimento - Na Escola Municipal de Educação Especial Francisco de Castro, no Maracanã, também na Zona Norte, Terezinha Quaresma, uma das representantes do segmento de mães do CEC, montou um bazar de roupas usadas. O objetivo é arrecadar fundos para ajudar a própria escola. O dinheiro ainda é usado para auxiliar as famílias das crianças na compra de remédios: “O trabalho acaba nos aproximando cada vez mais da escola, dos professores e dos nossos próprios filhos.”

Mas o caminho não é tão simples assim. Quando o CEC, por exemplo, começou a ser implantado na Escola Muni-

cipal Armando Fajardo, Cordovil, Zona Norte, a diretora Tânia da Rocha ouviu muita crítica. Pais, professores e alunos associavam o trabalho do colegiado a uma reunião chata, demorada e sem objetividade: “Tive que conversar com os pais, professores e alunos. Mostrei que a idéia não era reunir o grupo para uma conversa demagógica ou coisa parecida. Era um encontro para definir e sugerir ações para a melhoria da escola. Não foi fácil, mas hoje nem preciso mais me preocupar com as reuniões.”

Os encontros acontecem tão naturalmente que as mães, envolvidas no cotidiano da escola, resolveram criar o chamado *Clube de Mães*, reunindo 12 mães que ajudam nas tarefas burocráticas e participam das atividades escolares, acompanhando de perto o trabalho dos professores.

Do outro lado da cidade, no Ciep Herivelto Martins, em Santíssimo, Zona Oeste, algumas mães também se uniram a outras para ajudar a escola, combatendo principalmente a evasão escolar. A diretora, Rosângela Maria Dantas de Pontes, conta que o grupo vem crescendo a cada dia: “Quando um aluno deixa de comparecer à escola, as mães entram em ação. Percorrem as casas dos estudantes faltosos para saber o que aconteceu.”

A luta por uma escola de qualidade levou, inclusive, algumas mães a voltarem aos bancos da escola. As mães tornam-se exemplo para os filhos, para os ami-

gos e para a própria escola. Foi o caso da dona de casa Abigail Ferreira. Aluna do Programa de Educação Juvenil (PEJ), ela hoje está no último ano do curso: “Passei a valorizar mais ainda o trabalho da escola e dos professores. Sou mãe, aluna e amiga da escola. Um casamento perfeito.”

Os números já refletem essa realidade. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recentemente os resultados do Censo 2000. O levantamento mostrou que o índice de alfabetização de adultos aumentou e que 94,8% destes alunos, que estão aprendendo a ler e escrever, freqüentam a rede pública de ensino.



O dia-a-dia de mães, pais, alunos, funcionários e professores das escolas municipais Rose Klabin, Francisco de Castro, Armando Fajardo (Zona Norte) e Herivelto Martins (Zona Oeste).

Reproduções

Formação dos CEC na Rede Municipal do Rio

Os Conselhos Escola-Comunidade (CEC) foram criados em 24 de agosto de 1984. Hoje, todas as 1.035 escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio têm seus CEC. O mandato de cada colegiado é de dois anos, e os representantes podem ser reeleitos.

O CEC é formado pelo diretor da unidade escolar, três professores, três responsáveis, dois alunos, um funcionário e um representante da associação de moradores. Nas unidades em que há Educação Infantil e Educação Especial, o número de responsáveis passa de três para quatro. E, nestes casos, não há a representação dos alunos.

Cada segmento vota no seu representante. As últimas eleições na Rede Municipal de Ensino ocorreram nos dias 6, 7 e 8 de maio deste ano.

Para sua atualização

Ciências e literatura. Estes são os destaques da programação de TV: Shakespeare, O Cosmo e Encontros Essenciais.



Reprodução



TV

Shakespeare

Sinopse

Esta é uma série composta por 12 episódios que apresenta a obra de William Shakespeare, utilizando diferentes tipos de animação. Os programas destacam os textos de Shakespeare que tratam de temáticas da existência humana, como ambição, poder, amor e ódio, medo e coragem, fantasia e realidade e o bem e o mal. O conteúdo literário passeia pelo drama, pela tragédia e pela aventura.

Na Escola

Cada episódio demonstra a importância da literatura como fonte de entretenimento. Além, é claro, de ser excelente meio de constituição de conhecimentos. A partir destas produções, que unem as obras de Shakespeare e diferentes estilos plásticos de arte gráfica, o professor pode promover pesquisas que ampliem o universo histórico sobre a literatura internacional e nacional.

Vale lembrar que nunca outra dramaturgia mostrou-se tão moderna e eterna, nenhum outro autor teve seu nome tão difundido mundialmente. Filmes como Romeu e Julieta, Macbeth e Hamlet são adaptações que refletem muito bem o estilo do dramaturgo.

Propostas de Trabalho

★ Os professores de Literatura e de História podem aproveitar a série para pesquisar e estudar comparativamente autores da Literatura Brasileira. Nelson Rodrigues seria um bom exemplo. Assim como Shakespeare, ele aborda em suas obras as paixões e os conflitos da alma humana. Muitas de suas peças de teatro foram adaptadas para o cinema e para a televisão. É possível ainda analisar o cenário político e social em que viveu o autor. Pesquisar a biografia de Nelson Rodrigues na internet pode ser um bom começo.

Área de Conhecimento

Literatura e História

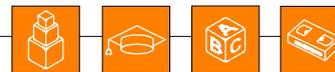
Ficha Técnica

Tipo de produção:
Animação

País: Inglaterra/Rússia

Produção:
BBC/Soyfilm

Duração: 30 minutos



TV

O Cosmo

Reprodução



Área de Conhecimento

Ciências

Ficha Técnica

Tipo de produção:
Documentário

País: França

Produção:
System TV Co-produção

Co-produção:
York Films of England

Duração: 7 minutos

Sinopse

A série de 25 episódios destaca as principais características dos planetas do sistema solar, utilizando recursos de computação gráfica. São analisados os fenômenos que ocorrem no universo, as pesquisas científicas, os avanços tecnológicos e a história da conquista do espaço pela humanidade.

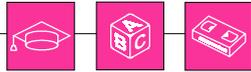
Na Escola

Os episódios favorecem o desenvolvimento de projetos de trabalho de diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, Ciências e Geografia.

Propostas de Trabalho

★ Escolha os episódios de acordo com o programa curricular da série e com a curiosidade dos estudantes. Depois de assistir aos programas, promova *aulas-passeio*, que devem ser organizadas com todos os alunos e professores que estejam participando do projeto. Como sugestão, destacamos alguns locais que podem ser visitados: Museu de Astronomia (telefone: 2580-7010), Observatório do Valongo da UFRJ (telefone: 2263-0685) e a Fundação Planetário (telefone: 2274-0046). Estas instituições têm programas de visitas guiadas voltados para as escolas. O Observatório de Valongo oferece oficinas e atividades que trabalham alguns conceitos, como a dimensão e a distância no sistema solar, a construção de um relógio solar e de um espectroscópio. Não deixe de procurar saber o que está acontecendo nestes espaços de pesquisa e extensão acadêmica, eles podem enriquecer sua prática em sala de aula.

Atenção Professor! Vale lembrar a importância do registro das aulas-passeio. Utilize fotos e tudo o que for produzido nos locais da visita para a construção de um álbum que contenha a trajetória do seu grupo de alunos neste projeto de trabalho.



TV

Encontros Essenciais

Reprodução



Sinopse

A série apresenta entrevistas com personalidades brasileiras que falam dos encontros que marcaram suas vidas. Os programas resgatam a riqueza da educação formal, por meio da constituição de valores na escola e da educação não-formal - aquela que se aprende com as experiências da vida. A série aborda a importância dos vínculos positivos estabelecidos no decorrer da vida, sendo instrumento de reflexão sobre o papel do professor na formação dos seus alunos.

Na Escola

Os programas procuram apresentar e discutir os encontros que delinearão ou nortearão as ações das personalidades, tanto no campo profissional quanto no pessoal. Hoje estas pessoas sentem-se valorizadas pelo que fazem e pelo que representam na sociedade.

Propostas de Trabalho

★ Leia o livro *Meu professor inesquecível*, organizado por Fanny Abramovich (Editora Gente). A obra apresenta diferentes depoimentos de personalidades, cujos professores foram referências marcantes em suas vidas. Assista aos programas, grave e exiba para os alunos e incentive que leiam o livro. Proponha um debate com a turma.

Atenção Professor! O que mobiliza ou sensibiliza uma pessoa pode não ser tão significativo para outra. Mas uma coisa é certa, a aceitação das diferenças, o respeito às necessidades individuais e o afeto são ingredientes que garantem o sucesso de muitos encontros pela vida afora. Com certeza, você já teve e terá encontros significativos. Não se surpreenda se a qualquer momento este encontro também se dê com um de seus alunos. Ou que você mesmo, estabelecendo uma relação de autenticidade, respeito e carinho, seja a referência de um feliz encontro para cada um deles.

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

Até o final deste ano, professores, alunos, funcionários e pais de alunos estarão escolhendo a direção de cada uma das 1.035 escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio, por meio de consulta direta, livre e democrática. Conquista das escolas - depois de muitos anos de métodos centralizados de escolha de diretores. Na atual gestão os diretores e os diretores-adjuntos serão eleitos para mandatos de três anos.

Escolha o diretor da sua escola

Formação - Com autonomia gerencial, a escola é hoje uma unidade complexa e seus administradores precisam estar preparados para enfrentar questões administrativas e financeiras, além das políticas e pedagógicas. Só o voto livre, portanto, não garante a qualidade dos frutos do processo democrático. A escolha de diretores de escola tem regras próprias, entre elas a pré-seleção de candidatos com base na sua formação.

Para se candidatar ao cargo de diretor é preciso que os interessados tenham formação específica em administração escolar e, no mínimo, cinco anos de experiência em sala de aula. Os concorrentes se inscrevem e são avaliados pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), levando em conta que o diretor, além de gerenciar a escola, também preside o Conselho Escola-Comunidade (CEC).

Como fazer - Nos três dias de escolha, haverá duas urnas: uma destinada a professores e funcionários e outra para pais e alunos. O voto não é obrigatório, mas é um dos instrumentos que a comunidade escolar tem para intervir na qualidade da direção e, por tabela, no ensino oferecido.

Cada escola deverá constituir a sua própria comissão eleitoral, que organizará a inscrição das chapas, a fiscalização da consulta e a apuração dos votos. As cédulas seguem modelo proposto pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Todo o processo é acompanhado pelas respectivas CRE e pela Assessoria Técnica de Integração Educacional.

Os votos são computados respeitando-se a seguinte fórmula: 50 vezes o número de votos da chapa dividido pelo universo total de eleitores. O sistema é válido para as duas urnas (professores e funcionários/alunos e pais). Os novos diretores serão empossados no dia 1º de janeiro de 2003. ■

Quem vota

- Professores, funcionários, alunos (maiores de nove anos) e pais (um responsável por cada aluno).

Quem pode se candidatar

- Professores com mais de cinco anos de regência de turma e que possuem formação específica em administração escolar.



Primeiro dia de aula...



A mãe decide ir à sala da diretora para pedir providências...



Em casa...



Na semana seguinte...



Brincando de aprender

Roteiro: Cristina Campos / Arte: Ofeliano

Dois meses depois...



LIVROS

Para sua atualização



Família e Escola

Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli,
Nadir Zago (Orgs.)
Editora Vozes (2000)

A obra trata da relação família e escola - problemática extremamente ampla, suscetível de ser abordada com base em diferentes campos disciplinares e grupos temáticos. Os artigos assinalam a interdepen-

dência entre as condições sociais das famílias e as formas de relação que elas estabelecem com a escola. As famílias, assim como a escola, não podem ser consideradas de forma abstrata, dissociadas de condições históricas e socioculturais.

Para a garotada

Sempre Clara Rosa

Paula Danzinger
Editora Rocco (2001)

O livro conta as peripécias da menina Clara Rosa, filha de pais separados, que sempre está às voltas com os problemas da puberdade. Engraçada, crítica e inteligente, Clara Rosa tem que lidar com o fato de que sua mãe recebeu um pedido de casamento.

FILMES

Segredos e mentiras

O filme narra a história de uma mulher solteira, sem perspectivas amorosas e com sérios problemas pessoais e profissionais. Sua vida, entretanto, ganha novo fôlego após o telefonema de uma mulher se apresentando como sua filha, que cresceu abandonada em um orfanato.

Disponível nas locadoras.

(Produção de 1996/Duração:142 min)

AGENDA

QUEM É O PEDAGOGO?

No momento em que estão sendo discutidas as Novas Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia, a Universidade do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, promove o *Fórum de Educação - Pedagogia: que profissional é este?* O evento está marcado para o período de 24 a 27 de setembro. Informações: (31) 3273-3058 ou pelo e-mail forumpedagogo2002@bol.com.br.

MUSEU EM DEBATE

O Museu Histórico Nacional promove, em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o *Seminário Internacional: Museu, Memória e Futuro*. Serão realizadas conferências e mesas-redondas sobre o papel dos museus na atualidade. Em pauta temas relativos ao patrimônio histórico e artístico, à memória social, à construção de identidade, às coleções e aos espaços museológicos. O seminário será realizado de 7 a 11 de outubro. Endereço: Praça Marechal Âncora s/nº, Centro. Informações: (21) 2550-9224.

TV-VÍDEOS

Nós da Escola

Mães de alunos do Conselho Escola Comunidade (CEC) do Ciep Herivelto Martins, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ), contam como é a relação família e escola. O mesmo programa apresenta uma reportagem sobre a atuação da ronda escolar da Guarda Municipal da Prefeitura do Rio. (Programa 2/Duração:30min)

Em outro programa, é mostrada a parceria entre a Escola Municipal João Neves da Fontoura, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ) e a comunidade local. Alunos, pais e professores ajudam na coleta de lixo do bairro. (Programa 28/Duração: 30min)

Educação e Trabalho



O programa discute o papel do diretor da escola como gestor e as mudanças que isso acarreta na

rotina escolar. Traz entrevista com a educadora Talma Romero Suane, diretora da Escola Municipal Alcide de Gasperi, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ).

(Programa 27/Duração: 30min)

Programas veiculados pela MULTIRIO/SME.

Rio de Janeiro, 2001.

Mais informações:

www.multirio.rj.gov.br,
ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Tel.: (21) 2528-8282

A MULTIRIO QUER OUVIR TUDO O QUE VOCÊ TEM A DIZER

Solicitações, sugestões, comentários e reclamações.

Conheça o serviço. Cadastre sua solicitação. Há sempre um ouvidor à sua disposição.

E-mail: ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Tels.: 2528-8235 e 2528-8282

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro

Para saber mais, entre no site www.rio.rj.gov.br

